



**CRISTÃOS DEVEM
SE ENVOLVER
COM POLÍTICA?**

César Francisco Raymundo

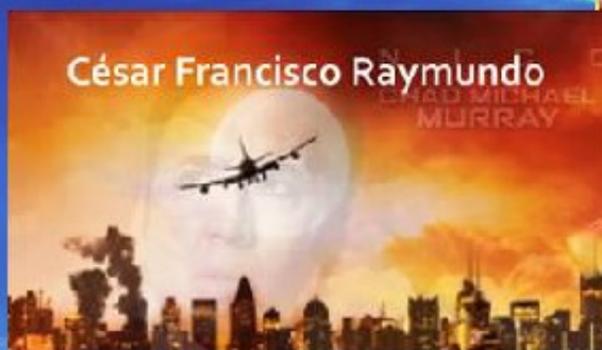


revista cristã
última chamada

O últimos dias como você nunca ouviu falar!

César Francisco Raymundo

with
CHRIS MICHAEL
MURRAY



DEIXADOS PARA TRÁS

**Separando a Ficção
da Realidade**

Revista Cristã
Última Chamada

- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo

www.
revistacrista
.org

Cristãos devem se envolver com Política?

César Francisco Raymundo

—Revista Cristã—
Última Chamada
- Maio de 2021 -

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

Cristãos devem se envolver com Política?

Autor: César Francisco Raymundo

Capa: Raniere Menezes

Revista Cristã Última Chamada publicada com a devida autorização e com todos os direitos reservados no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob nº 236.908.

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais.
É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Editor

César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br

Site: www.revistacrista.org

Maio de 2021

Londrina - Paraná

Índice

Sobre o autor	07
Introdução	08
1. Desculpas frequentes para os cristãos não se envolverem com política	12
• Jesus não se meteu com política	12
• João 18:36	15
2. A política é suja	19
3. Nossa cidadania está no Céu	22
4. Os cristãos não podem legislar sobre moralidade	25
5. Os cristãos devem permanecer neutros	28
6. Estamos vivendo nos últimos dias	32
Conclusão	39
Notas	40
Obras Importantes para Pesquisa	43

Sobre o autor



César Francisco Raymundo nasceu em 02/05/1976 na cidade de Londrina - Estado do Paraná. De origem católica, encontrou-se com Cristo aos treze anos de idade. Na década de noventa passou a ser membro da igreja Presbiteriana do Brasil daquela cidade. Tem desenvolvido diversos trabalhos entre eles livros, folhetos e revistas visando a divulgação da Boa Nova da Salvação em Cristo para o público em geral. Atualmente, se dedica intensamente ao estudo, especialização, divulgação e produção de material didático a respeito do Preterismo Parcial e Pós-milenismo, para que tal mensagem seja conhecida como um caminho verdadeiramente alternativo contra a escatologia falsa e pessimista que recebemos por tradição em nossas igrejas.

Introdução

A frase “religião, política e futebol não se discute”, repetida por muita gente, senão pela maioria dos brasileiros, é a causa do caos político, moral e religioso que temos vivido. Embora pareça ser uma frase sábia, na verdade, esconde por trás a ideia de afastar a população em geral do debate político e religioso. Já vi muitas discussões interrompidas em nome dessa frase. Por não haver discussões sobre política, os maus políticos tiveram liberdade para agir; por não haver discussões sobre religião, os maus líderes religiosos se infiltraram em diversas igrejas. Nem mesmo o futebol e outros setores da sociedade escaparam dessa omissão. A degradação moral se encontra muito forte em quase todos os setores.

Mas o assunto foco deste e-book será a respeito se o cristão deve ou não se envolver com política. Há apenas duas maneiras em que o cristão pode se envolver com política: a primeira é através do envolvimento direto como candidato a algum cargo público. A segunda é indiretamente através do voto e participação ativa no debate político. Mas, infelizmente, tem religioso que diz que é possível ser neutro. Este é o caso das Testemunhas de Jeová. Vou dar ênfase aos argumentos das Testemunhas de Jeová neste e-book por serem os mais radicais a meu ver. Em seu site oficial, elas dizem:

“As Testemunhas de Jeová são neutras em assuntos políticos por causa de suas crenças religiosas, baseadas no que a Bíblia ensina. Nós não votamos em candidatos ou partidos políticos, não concorremos em cargos políticos e não participamos de nenhuma

ação para influenciar ou mudar governos. Acreditamos que a Bíblia dá bons motivos para sermos neutros”.¹

Lamento informar aos membros dessa religião, mas não há como ter uma atitude neutra em relação a política. Na chamada “neutralidade” há a omissão, e com a omissão há a promoção de políticos maus. Simplesmente às testemunhas de Jeová e outros grupos religiosos que pensam da mesma forma, acabam dando espaço para que os homens maus se infiltrem na política sem nenhuma resistência. Aqui entra o que Tiago disse em sua carta:

“Portanto, aquele que sabe que deve fazer o bem e não o faz nisso está pecando”.

(Tiago 4:17)

Há várias formas de se fazer o bem. Uma delas é em relação a política. Ajudar a eleger representantes que tenham bom testemunho perante o povo e, principalmente, se forem cristãos de verdade, é uma maneira de colaborar com o bem de uma nação. O Brasil tem visto o caos que é ter maus políticos em todas as esferas do poder. Se a política está fora do “bem” que devemos fazer, então temos um Deus que além de ser limitado apenas a esfera da salvação de nossas almas, também é semelhante aos deuses pagãos que trabalhavam em setores específicos.

Sobre isto, um autor cristão escreveu:

“O Deus da Bíblia não é como os deuses finitos dos antigos pagãos, que tinham um deus para os mares, outro para as árvores, etc. Nem o Deus da Bíblia é como os deuses finitos do mundo moderno, aqueles que são meramente deuses. Da vida privada das pessoas e da vida após a morte. A frase “a religião é uma questão privada, e não uma questão pública” só é verdadeira se Deus fosse finito. Esse não seria o Deus cristão. Antes, “Porque todos os deuses dos povos são ídolos, mas o Senhor fez os céus” (Salmo 96:5). Como Criador do mundo material, Seu governo não é apenas

sobre assuntos “espirituais”. Ele é o Senhor de todos. Ele é o grande “Eu Sou” (Êxodo 3:14), a fonte de toda a existência. “Nele vivemos, nos movemos e temos o nosso ser” (Atos 17:28). “Porque dele e para ele e por Ele são todas as coisas, a ele seja a glória para sempre. Amém” (Romanos 11:36).

[...]

Os deuses de outras religiões podem ser mantidos em uma caixa, mas o Deus e Salvador do Cristianismo governa sobre todos”.²

Tenho notado que o grande problema dos cristãos e religiosos que se recusam a se envolver com política, é que eles associam a política deste mundo com a ideia de domínio do Reino de Deus, ou seja, o fato do cristão se envolver com política significa que ele está tentando implantar o Reino de Deus de forma mundana. Mas a questão não é esta! A questão gira em torno da frase de “que deve fazer o bem e não o faz nisso está pecando”. O próprio fato de alguém dizer que está neutro em questões políticas é o mesmo que dizer que essa pessoa está morta, pois todo o ser humano é um ser político. A política está presente em tudo. Desde as pequenas decisões do lar, do trabalho no dia a dia, tudo envolve política. Não é possível anular a política de nossas vidas. A palavra “política” no dicionário do Google significa “arte ou ciência de governar, arte ou ciência da organização, direção e administração de nações ou Estados”. Quem de nós não pratica a arte ou ciência de governar no dia a dia?

Embora os cristãos tenham por muito tempo cruzado os braços em relação a política, vejo que agora é necessário extirpar esse ensinamento falso de que devemos ser neutros em relação a política. Nas próximas páginas pretendo desmentir muitas ideias falsas criadas para manter os cristãos longe da política. Também tratarei especificamente sobre a questão da neutralidade no Capítulo 5.

E não se engane o leitor, o afastamento dos cristãos da política através de vários ensinamentos falsos é uma estratégia dos inimigos de Deus para ocupar todos os espaços da esfera pública, cultural e social – que deveriam ser ocupados também por cristãos comprometidos com a Palavra de Deus.

O teólogo Gary DeMar faz um alerta sobre essa questão em um artigo:

“É melhor a Igreja acordar. Por décadas, os pastores têm sido tímidos em pregar política a partir do púlpito. Os profetas do Velho Testamento teriam ficado chocados com tal covardia. Muitas igrejas modernas acreditam ter razões bíblicas para não abordar a política a partir do púlpito. Muitos acreditam que estão proibidos de fazê-lo porque isso prejudicaria seu status de isenção de impostos. Não vai, mas mesmo se fosse, e daí? Se as pessoas se recusarem a frequentar a igreja por causa da perda de isenção de impostos, eu digo, boa viagem”.³

1

Desculpas frequentes para os cristãos não se envolverem em política

Jesus não se meteu na política.

Se este argumento for seguido fielmente, devemos ter em mente que o Senhor Jesus também não teve bens materiais, como uma casa, e nem se casou ou teve filhos. Também não há relatos de que Ele tenha tirado férias e participado de certas coisas do mundo que frequentemente achamos normal. Sobre o suposto exemplo de Jesus na política, as testemunhas de Jeová dizem:

“Seguimos o exemplo de Jesus, que se recusou a aceitar um cargo político. (João 6:15) Ele ensinou que seus discípulos não deveriam ‘fazer parte do mundo’ e deixou claro que eles não deveriam se envolver em assuntos políticos. — João 17:14, 16; 18:36; Marcos 12:13-17”.¹

Vamos analisar o primeiro texto fornecido pelas testemunhas de Jeová para defender sua tese:

“Sabendo, pois, Jesus que estavam para vir com o intuito de arrebatá-lo para o proclamarem rei, retirou-se novamente, sozinho, para o monte”.

(João 6:15)

O que está em foco aqui não é o não-envolvimento político de Jesus, mas é que os Seus contemporâneos, debaixo do jugo romano, pensavam num messias político que iria libertá-los do poder de Roma. Eles acreditaram que Jesus seria esse “messias”; mas não entenderam que o Reino de Deus pregado por Ele vem por meio da regeneração, e não por revolução. Isto não significa que Jesus negasse aos seus servos a participação na política. Negar isto é negar a própria Bíblia, a qual está repleta de exemplos de pessoas políticas que foram servos fiéis de Deus, como Davi, Salomão e outros. E devemos levar em consideração que o propósito da vinda do Senhor Jesus é uma missão específica de salvar o mundo (1ª Timóteo 1:15), não de implantar um reino terrestre nos mesmos moldes dos reinos deste mundo.

O segundo argumento de que os cristãos não devem se envolver na política é que supostamente Jesus teria ensinado “que seus discípulos não deveriam ‘fazer parte do mundo’ e deixou claro que eles não deveriam se envolver em assuntos políticos”.

Vamos a mais textos usados pelas testemunhas de Jeová:

“Eu lhes tenho dado a tua palavra, e o mundo os odiou, porque eles não são do mundo, como também eu não sou.

Eles não são do mundo, como também eu não sou”.

(João 17:14, 16)

O que o argumento acima ignora é o que está escrito no versículo 15, que diz:

“Não peço que os tires do mundo, e sim que os guardes do mal”.

O Senhor neste versículo nega qualquer forma de escapismo para os Seus discípulos, seja através de um arrebatamento, morte, ou mesmo o isolamento da sociedade em algum mosteiro. Seus

discípulos não pertencem ao mundo, mas vivem e usufruem dele, e mais: foram chamados para serem sal da terra e luz do mundo (Mateus 5:13-14). Portanto, onde quer que eles estejam na sociedade, os cristãos devem ser sal e luz, e isto inclui qualquer cargo público.

O teólogo Gary DeMar coloca essa questão adequadamente:

“A espiritualidade não é medida por um afastamento do mundo em alguma forma. Nem é um sinal de espiritualidade quando um cristão tem uma atitude e filosofia de vida que tem o mesmo efeito no mundo como as ações retratistas de Simeão e Antonius. O cristão que afirma ser espiritual porque se distanciou do mundo por não se envolver no processo de reforma é um herdeiro espiritual dos “santos pilares” ineficazes. Tais práticas e atitudes são contrárias às palavras de Jesus: “Que brilhe a vossa luz diante dos homens, de modo que vejam as vossas boas obras, e glorifique a seu Pai que está no céu” (Mateus 5:16).

A Bíblia certamente nos diz que não somos “do mundo” (João 17:14), e que devemos “sair do meio dele e separar-nos” (2ª Coríntios 6:17), mas em nenhum lugar nos é dito para retirar-se do mundo, pois Jesus nos enviou “ao mundo” (João 17:18). Na verdade, não estar envolvido no mundo é um sinal de julgamento:

Fizeram os filhos de Israel o que era mau perante o Senhor; por isso, o Senhor os entregou nas mãos dos midianitas por sete anos.

Prevalendo o domínio dos midianitas sobre Israel, fizeram estes para si, por causa dos midianitas, as covas que estão nos montes, e as cavernas, e as fortificações.

Então, veio o Anjo do Senhor, e assentou-se debaixo do carvalho que está em Ofra, que pertencia a Joás, abiezrita; e Gideão, seu filho, estava malhando o trigo no lagar, para o pôr a salvo dos midianitas.

(Juízes 6:1-2, 11)

Ser desligado do mundo, seja voluntariamente por sentar-se a um poste, juntando-se a um mosteiro, retirando-se para as montanhas ou escondendo-se de um opressor como Gideão e Davi foram forçados a fazer (1º Samuel 22:1), é um sinal de derrotismo e julgamento”.²

João 18:36

“Respondeu Jesus: O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus ministros se empenhariam por mim, para que não fosse eu entregue aos judeus; mas agora o meu reino não é daqui”.

Quando o Senhor Jesus disse que “o meu reino não é deste mundo”, Ele estava falando da origem desse Reino. Ele vem do Céu, não é um Reino de origem terrena como os demais reinos deste mundo. Tanto que isto é verdade, que Ele complementa mostrando que os Seus discípulos não agem como os ministros deste mundo, quando disse: “...os meus ministros se empenhariam por mim, para que não fosse eu entregue aos judeus”. Embora o Reino de Cristo não seja deste mundo, é fato que esse Reino foi feito para este mundo. Veja isto na oração do Pai nosso:

“...venha o teu reino; faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu...”.

(Mateus 6:10)

O Reino de Deus já chegou! A partir do momento que o Senhor Jesus começou a curar e expulsar demônios era sinal de que o Reino já tinha chegado (Lucas 11:20). Esse Reino está em paralelo com os reinos deste mundo e não é possível localizá-lo geograficamente porque o mesmo está no coração das pessoas, e nem vem com “visível aparência” (Lucas 17:20-21). Uma vez que o Reino já veio, a parte da oração do Pai nosso que precisa ser cumprida é a que diz “faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu”. A vontade de

Deus é que creiamos em Seu Filho Jesus Cristo (1ª João 3:23). Esta vontade de Deus tem sido feita parcialmente na Terra até o presente momento. Chegará o dia em que todas as nações estarão evangelizadas e discipuladas e se cumprirá o Salmo 22:27-31:

“Lembrar-se-ão do Senhor e a ele se converterão os confins da terra; perante ele se prostrarão todas as famílias das nações.

Pois do Senhor é o reino, é ele quem governa as nações.

Todos os opulentos da terra hão de comer e adorar, e todos os que descem ao pó se prostrarão perante ele, até aquele que não pode preservar a própria vida.

A posteridade o servirá; falar-se-á do Senhor à geração vindoura.

Hão de vir anunciar a justiça dele; ao povo que há de nascer, contarão que foi ele quem o fez”.

Como consequência, as “nações andarão mediante a sua luz, e os reis da terra lhe trazem a sua glória” (Apocalipse 21:24), e “o monte da Casa do Senhor será estabelecido no cimo dos montes e se elevará sobre os outeiros, e para ele afluirão todos os povos (Isaías 2:2). As nações serão então corrigidas por Cristo:

“Irão muitas nações e dirão: Vinde, e subamos ao monte do Senhor e à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine os seus caminhos, e andemos pelas suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e a palavra do Senhor, de Jerusalém.

Ele julgará entre os povos e corrigirá muitas nações; estas converterão as suas espadas em relhas de arados e suas lanças, em podadeiras; uma nação não levantará a espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra”.

(Isaías 2:3-4)

Todas essas bênçãos que ainda virão sobre o mundo quando as nações estiverem discipuladas será consequência do mandamento da Grande Comissão, e não da tomada a força dos reinos deste mundo:

“Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século”.

(Mateus 28:19-20)

A questão dos cristãos se envolverem com política é o resultado de mais corações regenerados que estão praticando o bem em diversos setores da sociedade, e um deles é o campo da política. Como consequência do envolvimento cristão na política, as coisas tomarão uma forma melhor nas leis e no governo. Deixo claro mais uma vez, o envolvimento cristão na política é apenas uma das formas de se fazer o bem que deve ser feitos a todos, principalmente aos da família da fé (Gálatas 6:10). Mas a medida que o evangelho cresce e toma a sociedade em geral, a tendência **NATURAL (não imposta)** é que haverá mais cristãos em cargos públicos, os quais abençoarão seus países.

É lamentável que muitos no meio cristão pensem diferente. Veja o caso do escritor Jeffrey D. Johnson, em seu livro *Os cinco pontos do Amilenismo*. Embora ele creia que “o Evangelho muda as sociedades em nível individual”,³ acaba não aceitando que essa mudança reflita na política – o que é inevitável. Sobre isto ele escreveu:

“O Evangelho não é projetado para a revolução política, mas para alcançar os perdidos com a esperança de vida eterna. A menos que os pecadores se submetam ao Evangelho do reino, eles não têm esperança duradoura. Deus não está interessado em moralizar os ímpios. Deus não prometeu santificar a cultura ou redimir os governos terrenos, nem está preocupado em cristianizar os ímpios com a falsa esperança produzida pela moralidade externa”.⁴

Quando diz que “Deus não prometeu santificar a cultura ou redimir os governos terrenos”, Jeffrey D. Johnson está negando o texto de

Apocalipse 21:24 que vimos acima. Sobre essa questão, o teólogo Christopher Hume escreveu algo profundamente esclarecedor:

“Uma das implicações práticas de uma teologia pós-milenarista robusta é a necessidade de transformar a nossa sociedade de acordo com a Palavra de Deus. Para o grande detrimento da nossa nação, na Igreja da América foi amplamente adotada uma visão pessimista do futuro e, portanto, se abandonou o esforço para construir uma sociedade cristã. Uma objeção de muitos cristãos sinceros é que o Novo Testamento “não se concentra em questões políticas”. De fato, o apóstolo Paulo é frequentemente citado como o principal exemplo de alguém que realmente não se envolveu com questões políticas. O raciocínio de Paulo foi simplesmente focado em “pregar o evangelho” e não passar o tempo tentando mudar a cultura ou sociedade (que inclui leis, instituições, etc.). No entanto, o meu argumento é que o apóstolo Paulo não só tentou mudar o panorama social e político, mas ele conseguiu!”⁵

2

A política é suja

“Alguns, infelizmente, pensam que a política é uma palavra suja e um jogo corrupto que os funcionários públicos jogam. Na realidade, é a própria estrutura do sistema democrático do governo que tanto prezamos. Enquanto é feito de pessoas como nós, que têm problemas e muitas vezes cedem a interesses próprios e motivos menores, ainda é a força da nossa sociedade”.⁶

Joseph M. Stowell

A segunda desculpa dos cristãos para não se envolverem com a política é que, segundo eles, por ser a política um negócio sujo, é melhor evitar ser infectado evitando assim qualquer tipo de participação.

O grande problema dessa visão é que ela nega que o governo civil foi estabelecido por Deus. Basta dar uma lida nos versículos a seguir:

“Responderam: De César. Então, lhes disse: Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”.

(Mateus 22:21)

“Todo homem esteja sujeito às autoridades superiores; porque não há autoridade que não proceda de Deus; e as autoridades que existem foram por ele instituídas”.

(Romanos 13:1)

“Antes de tudo, pois, exorto que se use a prática de súplicas, orações, intercessões, ações de graças, em favor de todos os homens, em favor dos reis e de todos os que se acham investidos de autoridade, para que vivamos vida tranquila e mansa, com toda piedade e respeito.

Isto é bom e aceitável diante de Deus, nosso Salvador, o qual deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade”.

(1ª Timóteo 2:1-4)

“Sujeitai-vos a toda instituição humana por causa do Senhor, quer seja ao rei, como soberano, quer às autoridades, como enviadas por ele, tanto para castigo dos malfeitores como para louvor dos que praticam o bem.

Porque assim é a vontade de Deus, que, pela prática do bem, façais emudecer a ignorância dos insensatos; como livres que sois, não usando, todavia, a liberdade por pretexto da malícia, mas vivendo como servos de Deus.

Tratai todos com honra, amai os irmãos, temei a Deus, honrai o rei”.

(1ª Pedro 2:13-17)

Diante das evidências bíblicas acima não é possível dizer que a política em si é algo sujo, assim como nenhuma instituição humana em si mesma não pode ser considerada suja. O problema está nas pessoas, não na instituição. Uma vez que o governo civil é estabelecido por Deus, podemos considerar que a política é uma legítima área de atividade para os cristãos. O governo civil é fruto da necessidade a partir do momento que o ser humano pecou e se tornou uma ameaça para outros seres humanos (Gênesis 4:23).

Na política temos uma grande oportunidade para eleger os melhores cidadãos para cargos como de proteção e cumpridores da lei contra os iníquos (Êxodo 18; Deuteronômio 1:15; cf. 1ª Timóteo 3:1–7). Foi logo após o dilúvio que Deus formalizou o governo civil, compartilhando Seu poder com o homem dando-lhe autoridade entre

os homens (Gênesis 9:4-6). Segundo o teólogo Gary DeMar, “falar contra o princípio de envolvimento político é questionar a sabedoria de Deus e permitir que déspotas governem”.⁷

Os cristãos precisam entender que além de receber o evangelho, a pessoa precisa crescer na fé para deixar de ser um bebê espiritual. Quando chega na maturidade espiritual, pronto para receber o alimento sólido [que] é para os adultos, para aqueles que, pela prática, têm as suas faculdades exercitadas para discernir não somente o bem, mas também o mal (Hebreus 5:13-14), a pessoa estará apta para julgar, desenvolver e se envolver com outras questões. E a política é uma delas!

E que fique claro que a pregação do evangelho, ainda que tenha um efeito fermentador na cultura, gerando um país com 80/90 por cento de cristãos, é fato que se essa maioria não se envolver na cultura e em todos os setores da sociedade, pode ter certeza que os restantes 10 ou 20 por cento acabaria não só governando, mas também negando e controlando a liberdade dos cristãos. Isto é o que vemos que acontece no Brasil, um país de maioria cristã que é controlada por juízes, políticos e autoridades corruptas.

3

Nossa cidadania está no Céu

“Pois a nossa pátria está nos céus, de onde também aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo...”.

(Filipenses 3:20)

Ao usar este texto da carta de Paulo aos Filipenses, mais uma vez os crentes negam a própria Bíblia. Se agarram ao que Paulo diz sobre nossa “pátria” ou “cidadania” estar nos céus, ignorando que o mesmo apóstolo também reconhecia sua cidadania terrestre como legítima (preste atenção nas palavras grifadas):

“Quando amanheceu, os pretores enviaram oficiais de justiça, com a seguinte ordem: Põe aqueles homens em liberdade.

Então, o carcereiro comunicou a Paulo estas palavras: Os pretores ordenaram que fôsseis postos em liberdade. Agora, pois, saí e ide em paz.

Paulo, porém, lhes replicou: Sem ter havido processo formal contra nós, nos açoitaram publicamente e nos recolheram ao cárcere, **sendo nós cidadãos romanos**; querem agora, às ocultas, lançar-nos fora? Não será assim; pelo contrário, venham eles e, pessoalmente, nos ponham em liberdade.

Os oficiais de justiça comunicaram isso aos pretores; e estes ficaram possuídos de temor, quando souberam que **se tratava de cidadãos romanos**.

Então, foram ter com eles e lhes pediram desculpas; e, relaxando-lhes a prisão, rogaram que se retirassem da cidade”.

(Atos 16:35-39)

O mesmo apóstolo que disse que temos uma pátria no Céu, e que vivia em função dela, também reconhecia sua pátria ou cidadania terrena. Apesar de saber que era peregrino e forasteiro neste mundo (Hebreus 11:3), e por aspirar por “uma pátria superior, isto é, [a] celestial” (Hebreus 11:16), Paulo usufruiu de seus direitos como cidadão terreno para seu próprio benefício. Em outra ocasião, no mesmo livro de Atos dos apóstolos, podemos ver Paulo mais duas vezes apelando para sua cidadania terrena como sendo legítima:

“Quando o estavam amarrando com correias, disse Paulo ao centurião presente: **Ser-vos-á, porventura, lícito açoitar um cidadão romano, sem estar condenado?**

Ouvindo isto, o centurião procurou o comandante e lhe disse: **Que estás para fazer? Porque este homem é cidadão romano.** Vindo o comandante, perguntou a Paulo: Dize-me: **és tu romano?** **Ele disse: Sou.**

Respondeu-lhe o comandante: **A mim me custou grande soma de dinheiro este título de cidadão. Disse Paulo: Pois eu o tenho por direito de nascimento.**

Imediatamente, se afastaram os que estavam para o inquirir com açoites. O próprio comandante **sentiu-se receoso quando soube que Paulo era romano,** porque o mandara amarrar.

(Atos 22:25-29 – o grifo é meu)

Mais à frente, em Atos 25:9-12, Paulo apela para César em seu julgamento. Portanto, em vista das evidências, se você ouviu algum ensinamento de que a cidadania ou pátria celestial é uma desculpa para o cristão não se envolver com política, saiba que não te contaram a história toda. É até irônico que na Bíblia o mesmo apóstolo que esperava pela pátria celestial e vivia em função dela, é o mesmo que dizia ter também uma cidadania terrena e usava de seus benefícios. Em nosso tempo a cidadania terrena é muito mais ampliada do que na época de Paulo, pois podemos exercê-la também através do voto e até podemos remover governantes. Porventura, havendo a chance de exercitar sua cidadania para evitar alguma

perseguição contra o evangelho, o leitor vai deixar de exercê-la perante os homens? Caso a resposta seja “não”, então porque na hora de votar ou participar da política a questão muda?

O fato que devemos ter em mente é que temos múltiplas cidadanias, a celestial sendo uma prioridade (Filipenses 3:20; veja Atos 5:29), e a cidadania terrena que podemos reivindicar para o nosso benefício como cidadãos (Atos 16:35-39; 22:25-29; 25:9-12).

Embora o nosso verdadeiro lar seja no Céu, devemos ter a responsabilidade como cidadãos de dois reinos, o celestial e o terreno.

Para resumir este tópico, finalizo com a frase de John M. Frame sobre a questão da cidadania celestial e terrena:

“No mundo moderno, então, cada cristão é um cidadão de duas nações: uma nação terrena como a França, Inglaterra ou EUA e a nação celestial (Ef 2:6; não deste mundo, João 18:36), a igreja. Embora pertençamos inteiramente a Cristo, não por isso renunciamos à nossa cidadania nas nações terrenas, assim como não deixamos nossas nações terrenas e famílias. Na verdade, buscamos ser bons cidadãos, para as próprias nações terrenas e seus governantes, que receberam sua autoridade de Deus (Romanos 13:1-7)”.¹

4

Os cristãos não podem sobre legislar moralidade

Uma vez que um cristão venha entrar para a política, é de se esperar que venha legislar sobre moralidade. Alguns argumentarão que os cristãos que entram na política devem se lembrar que a moralidade é um assunto pessoal que não ser imposto aos outros. Em outras palavras, as pessoas não podem ficar desconfortáveis por ouvir que existem absolutos morais. O grande problema dessas declarações é que cada lei é a legislação da visão de moralidade de alguém. Não temos escapatória. Sempre teremos leis que terão de ter uma fonte de autoridade. Ou essa fonte virá de Deus e Sua Palavra ou virá de homens pecadores falíveis. E também devemos nos perguntar:

Quais áreas da vida o magistrado civil tem autoridade para fazer?

Os homens deveriam ser governados pelas leis de Deus ou pelos caprichos de um ditador como Ramsés, Nero, Calígula, Hittler ou um Supremo Tribunal Federal?

Os seres humanos são propriedades do Estado ou livres em Deus?

Muitos cristãos acham legítimo que sob o jugo de Ramsés o povo Hebreu decidiu seguir a Deus e, posteriormente, as leis dos dez mandamentos. Mas os mesmos cristãos não aceitam que nossa legislação tenha influência e fonte de autoridade vinda da Palavra de

Deus, pois, para eles, o Estado deve ser laico. Mas observe o leitor que a batalha enfrentada por Moisés naquele tempo continua em todo o mundo hoje.

Sobre a infalibilidade e eternidade das leis de Deus, um escritor disse:

“O que Moisés trouxe do Monte Sinai não eram as Dez Sugestões. São mandamentos. São, não eram. O brilho absoluto dos Dez Mandamentos é que eles codificam em um punhado de palavras de comportamento humano aceitáveis, não apenas para então ou agora, mas para sempre. A linguagem evolui. O poder muda de uma nação para outra. As mensagens são transmitidas na velocidade da luz. O homem apaga um fronteira após a outra. E ainda assim nós e nosso comportamento e os mandamentos que governam esse comportamento permanecem os mesmos”.⁹

É muito claro que os Dez Mandamentos não são regras apenas para quem se diz cristão, mas são tão fundamentais para toda a humanidade que ela não pode viver sem eles. Em qualquer lugar, por exemplo, o “não matarás” e “não roubarás” será legítimo se estiver na legislação de um país. Os atos de qualquer pessoa, onde quer que ela esteja, caso sejam praticas boas ou ruins, ela estará sujeita a lei moral de Deus que é parte integrante da estrutura do universo assim como a lei da gravidade o é.

Por mais que alguém tente dizer que se deve evitar a Lei de Deus como fonte de autoridade para uma moralidade legislativa, não há maneira de escapar dessa moralidade legislativa, como argumenta o acadêmico constitucional Archie Jones:

“Todo sistema de governo existe para produzir ou fazer cumprir certas leis, e toda lei necessariamente envolve um conjunto de pressupostos morais. Toda moralidade - mesmo aquela que normalmente se supõe ser, ou apreçada como sendo, com base em uma base filosófica “irreligiosa” ou “anti-religiosa” - é, em última

análise, religiosa em sua natureza, uma vez que se baseia em um conjunto de pressupostos pré-teóricos e suposições fundamentais sobre a natureza da realidade, sobre Deus, o homem e as coisas, que são assumidas por uma fé (geralmente não reconhecida). Nesse sentido mais profundo, então, a questão para todo sistema legal não é se ele será baseado na “religião”, mas sim qual religião ou filosofia religiosa será seu fundamento?”¹⁰

Um cristão verdadeiro que se candidatar para algum cargo público, deverá sempre ter em mente que seus projetos de lei terão que ter uma fonte de autoridade: ou a Palavra de Deus ou algum sistema filosófico “irreligioso” ou “anti-religioso”. Uma sociedade composta de maioria esmagadora de cristãos deve ter suas leis baseadas nas Palavras de Deus escritas nas Escrituras Sagradas. Assim como nações pagãs têm suas leis e costumes baseados em suas crenças e pressuposições, os cristãos verdadeiros não deveriam ser tímidos sobre essa questão, pois, afinal, eles estão do lado da Verdade e esta deve prevalecer neste mundo. Se as leis baseadas em uma filosofia “irreligiosa” ou “anti-religiosa” podem ser manifestadas por homens pecadores, porque os cristãos não poderiam fazer o mesmo com as leis de Deus? Não digo trazer de volta leis e regras da legislação mosaica que já caducaram para sempre – como apedrejar pessoas até a morte - mas em mundo moderno as leis deveriam ser inspiradas nas infalíveis leis divinas. Fica aqui a sugestão para qualquer cristão que venha ocupar um cargo público, seja o de vereador, deputado etc., que tenha sempre o conselho de juristas cristãos comprometidos com a Palavra de Deus.

5

Os cristãos devem permanecer neutros

A neutralidade é algo impossível de se praticar quando se trata de política. O não envolvimento na política só dá mais poder a quem já está envolvido nela. Baseando-se nessa suposta neutralidade, muitos afirmam que considerações religiosas sobre questões como política, direito e educação não devem ser trazidos para a discussão. Mas a neutralidade é tão falsa que mesmo aqueles que dizem não ter uma bandeira religiosa, na verdade, trazem consigo alguma ideologia ou filosofia.

Um autor acertadamente escreveu sobre esse assunto:

“Não há um centímetro quadrado de solo no céu ou na terra ou sob a terra em que há paz entre Cristo e Satanás... Ninguém aguenta de volta, recusando-se a se envolver. Ele está envolvido desde o dia de seu nascimento e até mesmo antes de seu aniversário. Jesus disse: “Quem não é comigo é contra mim, e aquele que comigo não se ajunta, se espalha no exterior”. Se você disser que “não está envolvido”, você está de fato envolvido no lado de Satanás”.¹¹

Sobre o assunto da neutralidade em matéria política, o teólogo Gary DeMar escreveu:

“Como alguém pode ser neutro sobre qualquer coisa? Deus sempre requer que tomemos uma decisão, mesmo que uma decisão

leve a resultados impopulares. Você é a favor de Cristo ou contra Ele (Mateus 12:30). Uma decisão tem que ser feita. Josué disse isso a seus companheiros israelitas: sirva a Jeová ou aos deuses de seus pais. Não há nada entre essas duas escolhas. “Abandonar o Senhor é servir a outros deuses” (Josué 24:16). É Deus ou Baal. Cristo ou Satanás. Elias pergunta desta forma: “Quanto tempo vocês vão hesitar entre duas opiniões? Se o Senhor é Deus, siga-o; mas se for Baal, siga ele” (1º Reis 18:21). E se as pessoas tivessem decidido que eles não serviriam a Jeová nem a Baal? Sua suposta reivindicação de neutralidade teria sido uma decisão contra Jeová porque pró-baalistas iriam preencher o vácuo espiritual e moral deixado por aqueles que alegaram neutralidade.

O juiz distrital dos Estados Unidos, Myron Thompson, decidiu em 04 de Setembro de 2003, que a remoção do memorial dos Dez Mandamentos do Edifício Judicial em Montgomery, Alabama, não viola a Constituição. “O espaço vazio ou 'nada' na rotunda do Edifício Judiciário não é nem um endosso de crença “não-teísta” nem um sinal de desrespeito ao Cristianismo ou qualquer outra religião”, escreveu Thompson. “Em vez disso, demonstra neutralidade governamental em relação à religião”. Essa é uma lógica impossível. Se uma exibição religiosa da lei como os Dez Mandamentos é proibida por lei para ser exposta em um prédio do governo, então isso é uma ação contra a exibição religiosa da lei. Como pode ser neutralidade? Do juiz governar é ateísmo implícito. E quanto ao argumento de que nenhum argumento religioso pode ser feito em qualquer questão moral? No argumento do juiz Thompson, a alternativa é o ateísmo, e o ateísmo não é neutro. O ateísmo é uma religião invertida que torna o homem a base para o que é, em última análise, verdadeiro e bom. A história do ateísmo é um registro de falta de sentido e genocídio em grande escala, como D. James Kennedy argumentou no livro *E se Jesus nunca tivesse nascido?*:

Mao matou cerca de 72 milhões de seres humanos de 1948 a 1976. Quando somamos os 40 milhões de que Stalin é responsável pois chegamos a um número de 112 milhões.

Jogue em Hitler 15 milhões (sem contar a guerra devastadora que ele começou!), e chegamos a cerca de 127 milhões. Adicionar outros assassinatos por outros estados ateus e totalitários - como resultado de sua ideologia ateuista - você vem com uma série de mais de 130 milhões”.

[...]

A indiferença a essas atrocidades em nome da neutralidade teria sido uma atrocidade igual. A reivindicação de neutralidade por parte dos cristãos é julgada severamente na Bíblia: “Conheço as tuas obras, que nem és frio nem quente. Quem dera fosses frio ou quente! Assim, porque és morno e nem és quente nem frio, estou a ponto de vomitar-te da minha boca” (Apocalipse 3:15-16)”.¹²

DeMar continua:

“A igreja moderna que se recusa a se posicionar contra os males do dia não serve para nada. Nos evangelhos, Jesus explica isso assim: “Vós sois o sal da terra, mas se o sal se tornou sem gosto, como vai ficar salgado de novo? Não é bom para nada mais, exceto para ser jogado fora e pisoteado pelos homens” (Mateus 5:13). A suposta neutralidade é uma lâmpada que é colocada “debaixo do alqueire” que deixa a casa na escuridão perpétua (Mateus 5:15) e a luz de uma cidade que está oculta para não servir como um farol para os viajantes cansados (5:14)”.¹³

A experiência da história humana e a Bíblia nos ensinam que não há neutralidade, pois de uma forma ou de outra devemos assumir que alguma filosofia irá dominar o campo de atuação das políticas públicas. Ao reivindicar “neutralidade” os cristãos estão entregando para todas as ideologias opostas uma porta aberta no desenvolvimento da tomada de decisões de políticas públicas. Seja os valores com base na religião ou em outras crenças e ideologias opostas, algumas dessas dominarão o cenário político.

A história dos Reis de Israel é uma grande prova de que não existe neutralidade ideológica na política. Ou um governante faz a vontade de Deus ou não faz. Há no Antigo Testamento uma grande lista de reis que fizeram “o que era reto aos olhos do Senhor” e de reis que fizeram “o que era mau perante o Senhor”. Os livros de 1º e 2º Reis contam a história de cada um desses reis. Se um governante de nosso tempo, junto com senadores e deputados resolve criminalizar o Cristianismo, estaria ele agindo de forma neutra? Estaria sendo reto aos olhos do Senhor? Se o leitor respondeu “não”, então há de convir comigo que realmente não há neutralidade na política. A neutralidade que muitos afirmam ter sobre política além de não existir, também colabora com alguma ideologia proposta por algum partido que está no poder.

O Senhor Jesus foi claro quando disse que os cristãos devem ser “o sal da terra” e a “luz do mundo”. Isto significa que devemos interagir e influenciar tudo nesta vida, inclusive as instituições públicas. O cristãos têm como responsabilidade para com os políticos e o dever da oração e obediência, ao mesmo tempo em que devem usar os “princípios bíblicos para moldar políticas públicas”.¹⁴

6

Estamos vivendo nos últimos dias

“Quantas vezes já ouvimos essa afirmação? Mesmo hoje, os cristãos estão insistindo no boato de que o “arrebatamento” está próximo, de que o anticristo está prestes a se revelar e não há razão para reorganizar as espreguiçadeiras do Titanic. Os que estão no mundo são mais sábios. A construção de navios não parou com o naufrágio de um navio que não afundou. Às vezes, “os filhos desta época são mais astutos em relação à sua própria espécie do que os filhos da luz” (Lucas 16:8)”.¹⁵

Gary DeMar

Na desculpa de que estamos vivendo nos últimos dias, muitos insistem que pelo fato do retorno de Jesus estar próximo, não podemos nos envolver em questões além do evangelismo. Pensando sobre isso, vale a pena ler o que o pastor Charles H. Spurgeon disse:

“Davi não acreditava na teoria de que o mundo vai ficar cada vez pior, e que as dispensas vão acabar com escuridão geral, e idolatria. O sol da Terra deve se pôr em meio à noite dez vezes maior se alguns de nossos irmãos proféticos devem ser acreditados. Não é o que esperamos, mas esperamos um dia em que os habitantes de todas as terras aprenderão a retidão, deverão confiar no Salvador, deverão adorar a ti sozinho, ó Deus, e glorificarão o teu nome. A noção moderna abafou muito o zelo da igreja por missões, e quanto mais cedo for demonstrado que não é bíblica melhor será para a

causa de Deus. Nem consorte com profecia, honra a Deus, nem inspira o igreja com ardor. Longe daqui, seja conduzida”.¹⁶

A noção moderna abafou muito não somente o zelo da Igreja por missões, mas também atrapalhou muitos em outras gerações. Várias gerações acreditaram que estavam vivendo no fim, nos últimos dias. Todas elas falharam. E porque não falharíamos hoje também? Um dos muitos textos usados para apoiar que estamos vivendo os últimos dias e que não adianta fazermos nada por este mundo, está em 2ª Timóteo 3:1-5:

“Sabe, porém, isto: nos últimos dias, sobrevirão tempos difíceis, pois os homens serão egoístas, avarentos, jactanciosos, arrogantes, blasfemadores, desobedientes aos pais, ingratos, irreverentes, desafeiçoados, implacáveis, caluniadores, sem domínio de si, cruéis, inimigos do bem, traidores, atrevidos, enfatuados, mais amigos dos prazeres que amigos de Deus, tendo forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder. Foge também destes”.

O teólogo Gary DeMar como sempre faz, nos explica adequadamente este texto:

“Esses versos, cortados de seu contexto imediato, poderiam levar quase qualquer um a adotar a interpretação de MacArthur. UM estudo de toda a passagem, no entanto, mostra que a mensagem de Paulo não é sobre a inevitabilidade do mal triunfar sobre o bem. Paulo compara o suposto progresso dos ímpios nos dias de Timóteo, os “últimos dias” da Antiga Aliança do Judaísmo (Hebreus 1:1-2; 1ª Coríntios 10:11), com a derrubada de Janes e Jambres nos dias de Moisés (Êxodo 7:11): “Mas eles não farão mais progresso; pois sua loucura irá ser óbvia para todos, como também o daqueles dois [Janes e Jambres] veio a ser” (2ª Timóteo 3:9). Paulo é direto ao encorajar Timóteo que aqueles que exibem os atos de maldade sofrerão o mesmo destino que os dois Feiticeiros egípcios que confrontaram Moisés e Arão a pedido do governante mais poderoso da época, o Faraó. Paulo faz o backup dele com uma alegação de otimismo não com um tratado sobre especulação

do tempo do fim, mas de um incidente registrado na Bíblia que mostra que pessoas de Deus, por meio de Seu cuidado providencial, triunfam sobre a maldade:

“Faraó, porém, mandou vir os sábios e encantadores; e eles, os sábios do Egito, fizeram também o mesmo com as suas ciências ocultas.

Pois lançaram eles cada um o seu bordão, e eles se tornaram em serpentes; mas o bordão de Arão devorou os bordões deles”.

(Êxodo 7:11-12)

Embora seja verdade, há uma tentativa dos ímpios de dominar a cultura, e alguns são bem-sucedidos por uma temporada, o fato é que com o tempo “eles não farão mais progresso”; sua aventura com a impiedade é apenas temporária (cf. Romanos 1:18-32). Cristãos podem ser otimistas até se as ações dos ímpios aumentarem em seus próprios dias. Se os cristãos permanecerem fiéis em influenciar seu mundo com o evangelho e aplicar uma cosmovisão cristã para todas as áreas da vida, o mundo pode e vai mudar. A história e o cuidado providencial de Deus estão do nosso lado”.¹⁷

DeMar continua:

“Paulo, no entanto, não permite que os cristãos permaneçam passivos diante da autodestruição ímpia. Timóteo seguiu o “ensino, conduta, propósito, fé, paciência, amor, perseverança, perseguições, [e] sofrimentos” (2ª Timóteo 3:10-11), e ele nos convida a fazer o mesmo. Enquanto os ímpios gastam capital de sua contrária e corrompida visão de mundo sobre uma vida voltada para o presente, o cristão deve desenvolver um capital espiritual orientado para o futuro para substituir a cultura falida do secularismo, humanismo, materialismo, relativismo e hedonismo”.¹⁸

O teólogo Gary DeMar citou no texto acima sobre “os ‘últimos dias da Antiga Aliança do Judaísmo” citando Hebreus 1:1-2 e 1ª

Coríntios 10:11. Além destes dois textos temos outros que afirmam que os apóstolos acreditavam que estavam vivendo nos “últimos dias”, não do fim do mundo, mas do fim da era judaica. Vamos analisar a seguir cada um desses textos:

“Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, **nestes últimos dias**, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo”.

(Hebreus 1:1-2 – o grifo é meu)

“Ora, neste caso, seria necessário que ele tivesse sofrido muitas vezes desde a fundação do mundo; **agora**, porém, **ao se cumprirem os tempos**, se manifestou uma vez por todas, para aniquilar, pelo sacrifício de si mesmo, o pecado”.

(Hebreus 9:26 – o grifo é meu)

“...mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo, conhecido, com efeito, antes da fundação do mundo, porém **manifestado no fim dos tempos**, por amor de vós...”.

(1ª Pedro 1:19-20)

“Estas coisas lhes sobrevieram como exemplos e foram escritas para advertência nossa, **de nós outros sobre quem os fins dos séculos têm chegado**”.

(1ª Coríntios 10:11 – o grifo é meu)

“Mas o que ocorre é o que foi dito por intermédio do profeta Joel: **E acontecerá nos últimos dias**, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões, e sonharão vossos velhos...”.

(Atos 2:16-17 – o grifo é meu)

“Filhinhos, **é já a última hora**; e, como ouvistes que vem o anticristo, também **agora** muitos se têm feito anticristos, **por onde conhecemos que é já a última hora**”.

Eles saíram de nosso meio; entretanto, não eram dos nossos; porque, se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco; todavia, eles se foram para que ficasse manifesto que nenhum deles é dos nossos”.

(1ª João 2:18-19 – o grifo é meu)

Observe o leitor que de acordo com os textos acima, os apóstolos eram unânimes em afirmar que a vinda e o nascimento de Cristo, a descida do Espírito Santo no dia de Pentecostes e as manifestações dos anticristos se deram nos “últimos dias”, ou na “última hora” e, por isto, eles acreditavam que “os fins dos séculos têm chegado” sobre eles. Todos eles esperavam que a Antiga Aliança com seu Templo e sacrifícios de animais estava prestes a desaparecer para sempre, para dar lugar definitivamente a era cristã, cujo Reino vai crescer até conquistar toda a Terra e restaurando todas as coisas com a derrota progressiva dos inimigos de Cristo (Atos 3:20-21; 1ª Coríntios 15:24-26).

Mas, alguém dirá:

“Como fica o Sermão Profético de Jesus em Mateus 24, Marcos 13, Lucas 21 e o Apocalipse?”

No Sermão profético dos três evangelhos, incluindo o livro de Apocalipse, o Senhor Jesus estava “falando diretamente aos Seus discípulos”. Este é um ponto importante. Jesus usa a segunda pessoa do plural [vós, ou você] em todo o Sermão do Monte. Eles seriam os únicos a ouvir falar de guerras, rumores de guerras; eles seriam os únicos entregues à tribulação que incluía morte, ódio e traição (Mateus 24:9–10); os de sua geração veriam a abominação “de pé no lugar santo” (Mateus 24:15) e “Jerusalém cercada de exércitos” (Lucas 21:20). “Você” [ou vós] significa eles, não uma geração futura

distante. Observe que o julgamento foi local que poderia ser escapado a pé, fugindo para as montanhas fora da Judéia (Mateus 24:16). As pessoas viviam numa época em que os “telhados eram planos para que as pessoas pudessem trabalhar, se socializar e até dormir lá” e as capas eram uma peça importante de roupa (Mateus 24:18; Êxodo 22:26; Deuteronômio 24:12)”.¹⁹

Gary DeMar complementa que:

“Não vamos esquecer de terremotos (Atos 16:26) e fomes (Atos 11:27–28). E quanto ao evangelho sendo pregado a “toda a oikoumenē” a “todas as nações” (Mateus 24:14)? Jesus usa [a palavra grega] *oikoumenē*, a mesma palavra encontrada em Lucas 2:1 para descrever a extensão do imposto romano e em Atos 11:28 para a geografia limitada [da fome]. O evangelho foi “proclamado em todo o mundo [kosmos]” (Romanos 1:8), “em todo o mundo [kosmos]” (Colossenses 1:6), “em toda a criação debaixo do céu” (Colossenses 1:26); “a todas as nações” (Romanos 16:26; 1ª Timóteo 3:16d). Se esses exemplos não servirem como “evidência documentada”, então não sei o que serve. Se você não pode confiar nas evidências da Bíblia, então nenhuma evidência pode ser confiável”.²⁰

Embora o Sermão Profético de Cristo foi cumprido no tempo da Igreja primitiva, a Igreja moderna tem caminhado preocupada com o tempo do fim enquanto muitos pastores ganham milhões de dólares escrevendo sobre romances proféticos como a Série *Deixados para Trás*, ao mesmo tempo que estão dando ajuda e conforto para que os inimigos do evangelho atuem mais neste mundo.

Wade Trimmer em seu artigo *Should Christians be Involved in Politics?* (Os cristãos devem se envolver na política?), escreveu que “cem anos ou mais desse tipo de ensino [escatológico falso] criaram um vácuo no qual o secularismo se precipitou para ocupar o vazio. Milhões de cristãos sentaram-se e viram o mundo se desintegrar ao seu redor enquanto esperavam por uma fuga que sempre foi dita estar próxima,

mas nunca aconteceu. Agora estamos pagando o preço por nossa negligência”.²¹

Sugiro ao leitor que procure estudar outras vertentes escatológicas que não sejam pessimistas, como o Preterismo Parcial e o Pós-milenismo. No final deste e-book há o tópico *Obras Importantes para Pesquisa*.

Conclusão

Acredito que este e-book não esgota o assunto do envolvimento do cristão com a política. Precisamos urgentemente de mais literaturas sobre o tema. Termino este e-book com a conclusão de Wade Trimmer sobre essa questão:

“Nós, cristãos, devemos entender que as soluções para nossos problemas não serão resolvidas por um grande governo, um grande homem e uma abordagem de cima para baixo, mas por um Grande Deus, cujo evangelho é mais poderoso do que a mentira. Começando no nível de base com a renovação do evangelho em corações individuais, para uma casa por vez, para uma comunidade, um estado, um país e para os cinco continentes, até o fim dos tempos, podemos esperar uma reforma radical e renovação para tomar lugar. Mas não se nos contentarmos em continuar em nossa mentalidade de comer, nos reunir e nos retirar, em vez de partirmos com expectativas de um evangelho completo que não apenas salvará almas, mas transformará sociedades. Levantai-vos, homens/mulheres de Deus! É hora de reverter nosso curso e começar a longa e lenta marcha vitoriosa de vitória em vitória, até que todos os inimigos sejam derrotados, e Cristo realmente seja o Senhor!”²²

Notas

Introdução

1. Por que as Testemunhas de Jeová são neutras em assuntos políticos? <https://www.jw.org/pt/testemunhas-de-jeova/perguntas-frequentes/neutralidade-politica/> Acessado dia 22 de Maio de 2021.
2. Senhor da Alma e do Estado - O dever dos cristãos de misturar política e religião. Mike Warren. Revista Cristã Última Chamada. Outubro de 2018. www.revistacrista.org
3. The Messianic State Will Use Any Excuse to Shut Down the Church. Gary DeMar. <https://americanvision.org/posts/the-messianic-state-will-use-any-excuse-to-shut-down-the-church/> Acessado dia 22 de Maio de 2021.

Capítulos de 1 a 6

1. Por que as Testemunhas de Jeová são neutras em assuntos políticos? <https://www.jw.org/pt/testemunhas-de-jeova/perguntas-frequentes/neutralidade-politica/> Acessado dia 22 de Maio de 2021.
2. Myths, Lies and Half-Truths How Misreading the Bible Neutralizes Christians and Empowers Liberals, Secularists, and Atheists, pg. 20. Gary DeMar. Copyright © 2010 by Gary DeMar. Published by American Vision Powder Springs, Georgia. www.americanvision.org
3. Os cinco pontos do Amilenismo, pg. 61. Jeffrey D. Johnson. Copyright © 2021 Editora O Estandarte de Cristo Francisco Morato, SP, Brasil. 1ª edição em português: 2020. Versão digital.
4. Idem nº 03, pg. 61.

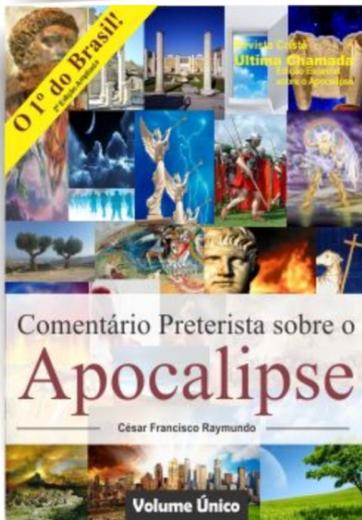
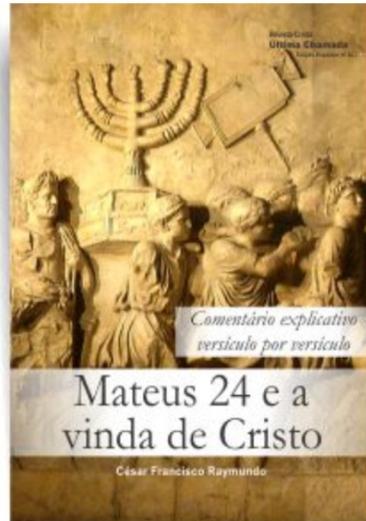
5. Será que o apóstolo Paulo tentou transformar a sociedade? Christopher Hume. http://www.revistacrista.org/Pos_Milenismo_sera_que_paulo_tentou_transformar_a_sociedade.html
6. 1. Joseph M. Stowell, "Can God Bless Politics?," *Moody Monthly* (September 1990), 4. Apud Gary DeMar, *Myths, Lies and Half-Truths*, p. 141.
7. Idem nº 02, pg. 142.
8. John M. Frame, "Toward a Theology of the State," *Westminster Theological Journal* 51:2 (Fall 1989), 221. Apud Gary DeMar, *Myths, Lies and Half-Truths*, p. 179.
9. Ted Koppel, *The Last Word*, Commencement Address at Duke University, Durham, North Carolina (May 10, 1987). Quoted in Robert H. Bork, *The Tempting of America: The Political Seduction of the Law* (New York: The Free Press, 1989), 164. Apud Gary DeMar, *Myths, Lies and Half-Truths*, p. 55.
10. Archie P. Jones, "Christianity and the First Amendment: The Truth about the Religion Clauses of the Constitution," (unpublished manuscript), 3. Apud Gary DeMar, *Myths, Lies and Half-Truths*, p. 57.
11. Cornelius Van Til, *Essays on Christian Education* (Nutley, NJ: Presbyterian and Reformed, 1974), 26. Apud Gary DeMar, *Myths, Lies and Half-Truths*, p. 77.
12. Idem nº 02, pg. 78.
13. Idem nº 02, pg. 80.
14. Bandow, *Beyond Good Intentions*, 76. Apud Gary DeMar, *Myths, Lies and Half-Truths*, p. 96.
15. Should Christians be Involved in Politics? Wade Trimmer. <https://www.gracefellowshipofaugusta.com/pastor-wades-blog/post/should-christians-be-involved-in-politics> Acessado dia 26 de Maio de 2021.

16. Charles H. Spurgeon, *The Treasury of David: Containing the Book of Psalms*, 7 vols. (New York: Funk & Wagnalls Co., [1869], 1881), 4:102. Apud Gary DeMar, *Myths, Lies and Half-Truths*, p. 261.
17. Idem nº 02, pg. 262.
18. Idem nº 02, pg. 263.
19. Prophecy Speculation for the Umpteenth Time. Gary DeMar. <https://americanvision.org/posts/prophecy-speculation-for-the-umpteenth-time/> Acessado dia 27 de Maio de 2021.
20. Idem nº 19.
21. Idem nº 15.
22. Idem nº 19.

Obras importantes para pesquisa

Faça download de nossos outros títulos em

www.revistacrista.org



Revista Cristã
Última Chamada

O livro mais
Amargo
da Bíblia dá suporte a



Esperança Pós-milenista?

César Francisco Raymundo

KENNETH L. GENTRY JR.

PÓS-MILENARISMO PARA LEIGOS

VOCÊ *PODE* ENTENDER
A PROFECIA BÍBLICA



revista cristã
última chamada

Refutando o
Amilenismo
Dispensacionalismo
Pré-milenismo
Clássico

Jay Rogers

César Francisco Raymundo

revista cristã
última chamada

E se Deus
não tivesse nascido
de mulher?